

## MACHADO DE ASSIS E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE CRONISTAS

Cláudia Poncioni (Universidade de Paris X-Nanterre)

**RESUMO:** As crônicas de Carlos Drummond de Andrade acompanharam a vida cotidiana do autor e dos leitores durante 64 anos. A carreira de CDA cronista construiu-se ao ritmo de suas crônicas : nos jornais mineiros, nas páginas dos jornais cariocas, principalmente do **Correio da Manhã** e do **Jornal do Brasil**. Contudo uma leitura atenta do conjunto de crônicas, englobando aquelas não publicadas em coletâneas, permite notar que para além da espontaneidade e da sinceridade do cronista, o projeto de acompanhar a realidade brasileira e de a compartilhar com o leitor, obedece a um projeto bem preciso e tem por paradigma simbólico as crônicas de Machado de Assis.

**Palavras-chave:** Crônica. Carlos Drummond de Andrade. Machado de Assis.

**RESUMÉ :** Les chroniques de Carlos Drummond de Andrade ont accompagné des générations de lecteurs brésiliens durant 64 ans. La carrière de CDA chroniqueur s'est bâtie au rythme de ses chroniques : dans les journaux du Minas Gerais d'abord puis dans les pages des journaux de Rio de Janeiro ensuite, notamment dans le **Correio da Manhã** et dans le **Jornal do Brasil**. Cependant une lecture attentive de l'ensemble des chroniques, y compris celles qui n'ont pas été publiées en recueil, permet de constater qu'au-delà de la spontanéité et de la sincérité du chroniqueur, le projet d'accompagner la réalité brésilienne et de la partager avec les lecteurs, obéit à un projet bien précis dont le paradigme symbolique sont les chroniques de Machado de Assis.

**Most clés:** Chronique. Carlos Drummond de Andrade. Machado de Assis.

Como todos sabem, a crônica ocupa na literatura brasileira um lugar que não tem em outras literaturas e dentre os grandes cronistas, grandes escritores e poetas como Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade. A rica fortuna crítica sobre o gênero demonstrou como a crônica no Brasil serviu de elo entre o autor e seus leitores que compartilhavam a mesma realidade. Mesmo

se o cronista com o seu talento filtrava esta realidade, era ele quem extraía, de certo modo, o seu significado profundo ao mesmo tempo em que estabelecia um diálogo com o leitor, um diálogo que poderíamos considerar como pessoal e que muitas vezes permitiu dar ao público o gosto pela leitura e abrir-lhe assim as portas da literatura<sup>1</sup>.

Portanto, se a leitura de crônicas pode ter sido uma etapa para que o leitor tivesse a curiosidade de ler, em seguida quer coletâneas, quer romances ou livros de poesia; para os autores a filha do folhetim deu-lhes certamente elementos temáticos, uma experiência estilística e mais ainda uma disciplina, nascida da periodicidade da obrigação enviar matéria às redações dos jornais, que teria reflexos evidentes na construção de uma produção literária tão rica como a de Machado ou a de Drummond. Um exame aprofundado da função exercida pela crônica na produção literária de grandes monstros da literatura brasileira como foram Machado e Drummond permitiria abrir novos caminhos para a leitura das duas obras.

Como lembrou Tristão de Athayde, em Machado a crônica é a base de toda a produção ficcional em prosa:

Na prosa de Machado de Assis há três camadas constantes - a crônica, o conto e o romance. Os contos são desdobramentos de crônicas e os romances um colar de contos. [...] Em Machado a ficção nasce da realidade. A imaginação trabalha sobre ela. Mas nunca perde o contato com ela. O cronista está sempre em ação, pois reflete diretamente os fatos da vida corrente e as idéias por eles provocadas. [...] Daí se encontrar ele inteiramente à vontade no gênero crônica, que o coloca empre em ligação com as duas frentes em que opera simul-taneamente: a frente fato e a frente ficção (ATHAYDE, 1960).

Distinguindo duas fases na carreira de Machado de Assis nos jornais fluminenses, Athayde situa a passagem do folhetinista ao *status* de cronista no ano de 1862:

Só dois anos mais tarde, em 1862, quando começa sua colaboração no “Diário do Rio de Janeiro”, é que vemos aparecer o nome de cronista em sua pena, em vez de folhetinista [...] atribuindo-lhe

---

<sup>1</sup> Foi o que ocorreu com o jovem Carlos.

então além dos traços iniciais do folhetinista outros de maior importância. Os traços iniciais eram a aproximação ou mesmo a conjunção do leve e do sério (ATHAYDE, 1960).

Com efeito, muito cedo Machado de Assis parece ter um olhar crítico sobre os principais limites do gênero :

Espalhado pelo mundo, o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais. [...] Como quase todas as coisas deste mundo o folhetinista degenera também. Alguma das entidades que possuem esta capa, esquecem-se que o folhetim é um confeito literário sem horizontes vastos, para fazer dele um canal de incenso às reputações firmadas e invectivas às vocações em flor, e aspirações bem cabidas. [...] Não tendo esquecido a experiência de José de Alencar, despedido por rebelar-se contra os interesses do jornal em que escrevia, Machado sabia que a liberdade de um cronista é muito relativa e que está condicionada aos interesses econômicos do jornal em que escreve. (ASSIS, 1938, p. 33-35)

É sob este ponto de vista que se poderia ler a passagem escrita em 15 de setembro de 1862 na qual Machado se dirige à sua « pena de cronista » e que para Athayde (1960) marca a passagem do folhetim à crônica:

Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve, amiga minha, alguns conselhos de quem te preza e não te quer ver enxovalhada. Não te envolvas em polêmicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras ; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretensiosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato de idéias é muito pior que o das ruas ; tu és franzina, retrai-te na luta e fecha-te no círculo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever crônicas. Sê entusiasta para o gênio, cordial para o talento, desdenhosa para a nulidade, justiceira sempre, tudo isso com aquelas meias-tintas tão necessárias aos melhores efeitos da pintura. Comenta os fatos com reserva, louva ou censura, como te ditar a consciência, sem cair na exageração dos extremos. E assim viverás honrada e feliz. (ASSIS, 1938, p. 313)

Os limites da crônica ficam claramente estabelecidos. É preciso que esta seja não apenas uma pintura da realidade, mas ainda que seja desta uma pintura nuanceada, uma aquarela, o que explica o título “Aquarelas” uma das séries de crônicas iniciada em 1859, em pleno apogeu do folhetim. Machado escreve então na revista **O Espelho**.

O título da série explica-se porque esta técnica pictural permite diluir os contornos e pintar a realidade com todas as suas meias-tintas, sem acentuar os contrastes: o cronista deve ser justo mas reservado. É o que esperam os leitores de um texto que deve divertir, ou pelo menos fazer sorrir, que deve ainda ser um reflexo de si mesmos e de seus pensamentos:

Os jornalistas, e sobretudo os cronistas, são os maiores mágicos do meu conhecimento. Iludem ao público de maneira singular e impigem-lhes, pelo valor de uma assinatura, a mesma novidade que recebem grátis das mãos do respeitável público. (ASSIS, 1938, p. 303)

É assim que as crônicas de Machado são uma pintura de um período importante do Segundo Império e da transição entre a Monarquia e a República. O cronista pode tratar de política, mas como um tema dentre outros e deixar ao jornalista os temas sérios.

Esta é a razão pela qual, uma vez que se tornou membro do *establishment*, Machado será crítico, mas a crítica permanecerá sempre aceitável pelos leitores. Faz o que se espera dele, e busca nas crônicas: « [...] um tipo de expressão que lhe permitisse ser crítico, mas, ao mesmo tempo, possuidor de todas as marcas do bom comportamento». (LIMA, 1981, p. 76)

Tendo encontrado o tom justo para falar aos que o liam, Machado de Assis, contrariamente à prática da *inteligensia* imperial não necessitava ser titular de um diploma para se tornar jornalista ou formador de opinião e chegar à consagração. Contudo sabia que a “opinião” era constituída por uma minoria de brasileiros.

[...] A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler ; desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. [...] 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram : sem saber por quê nem o quê. Votam

como vão à festa da Penha, - por divertimento. [...] Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: “consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação ; mas - consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%”. A opinião pública é uma metáfora sem base ; há só a opinião dos 30% (ASSIS, 1962, p. 107)

Conhecendo as regras do jogo, Machado sabia que a crônica vivia dos leitores para os leitores, mas fez dela um terreno permanente de ensaio tanto no plano das idéias, como no plano estético.

A obra machadiana de muito se beneficiou desse texto transicional (Jacobson) que é a crônica, pois valeu-se dela como campo de provas para toda a espécie de experimentação dos limites do narrar. Dentro desse mosaico de historicidade, o leitor e o autor são capazes de reescrever, graças aos ardis do texto e de seus novos ritmos, aquela oralidade aparentemente condenada às conversas de confeitaria, esquinas, saraus, teatros. E os assuntos “nobres” - política, administração do Império, fatos internacionais-democratizam-se, agora redistribuídos pela voz do cronista desatento às hierarquias sociais. (LIMA, 1981, p. 423)

Com efeito, Machado gostava de utilizar todos os recursos literários disponíveis. Escrevia sobretudo crônicas sob a forma de diálogos ou de poemas, como este, que dedicou aos leitores ao comemorar um Ano Novo:

Salve o ano feliz, que em doze meses  
Verá sair cinquenta e duas vezes  
A Semana Ilustrada ! Salve o ano  
No qual toda a gente um grande cano  
Terá pr’a não morrer mais afogada !... [...] (ASSIS, 1938,  
p. 249)

Os pseudônimos então na moda, que Machado utilizava sucessivamente, tornaram-se uma espécie de brincadeira com os leitores que, no fim da carreira, reconheciam o cronista mesmo sem a assinatura.

Durante quarenta anos sem interrupção Machado escreveu<sup>2</sup>, de forma

<sup>2</sup> Salvo durante o ano em que esteve doente, 1878-1879.

alternada ou simultânea, no **Diário do Rio de Janeiro**, na **Semana Ilustrada** (1860-75), em **Futuro** (1862), **Ilustração Brasileira** (1876-78), **Cruzeiro** (1878) e, a partir de 1883 até 1897, na **Gazeta de Notícias**, colunas com títulos e assinaturas diversas:

Da juventude à velhice, o autor de Dom Casmurro publicou centenas de crônicas em diversos jornais e revistas. Para reuni-las em volumes, os editores das obras completas do escritor tiveram de ter uma paciência chinesa ; Machado assinou várias delas com os mais diferentes pseudônimos - Dr. Semana, Eleazar, Gil, Job, Lélío, Manassés, etc. Assim, os organizadores foram obrigados a separar o joio do trigo pelas características de estilo, identificar um a um os textos escritos pela pena da galhofa e a tinta da melancolia. (SABINO, 1991)

O ceticismo, tão característico da sua obra romanesca da maturidade, e presente nas últimas séries de crônicas, é certamente o resultado do conhecimento íntimo que tinha adquirido da sociedade e dos homens. A reprodução de acontecimentos que uma longa prática permite constatar não seria a prova de que o homem é sempre igual a si mesmo?

As crônicas de Machado fazem dele, como se sabe, um intérprete privilegiado de seu tempo. Foi assim que sua despedida como cronista deu-se num momento violento e difícil da República, em 1897, durante a presidência de Prudente de Moraes: a repressão de Canudos, e Olavo Bilac veio substituí-lo nas páginas de **A Semana**.

Machado de Assis que iniciara sua carreira nos jornais cariocas aos 16 anos em 1855, com um artigo publicado nas páginas de **A Marmota**, punha o ponto final numa carreira que durara quarenta anos.

Em 1954, quase um século depois, outro cronista, um dos maiores poetas brasileiros, começaria a escrever nas páginas do então principal jornal do país, o Correio da Manhã, uma série de crônicas às quais deu o título de Imagens.

Carlos Drummond de Andrade começara a escrever crônicas no ano de 1922, quando descobria ao mesmo tempo as rodas literárias de Belo Horizonte, a vida urbana, o prazer e a necessidade incompressível de escrever. A partir do momento em que começa a escrever em jornais Drummond assume-se como jornalista, condição que reivindica com veemência já no fim da vida.

Não sei, porque todas as vezes que os jornais se referem a mim me chamam de poeta. Na realidade a minha produção jornalística é maior e incomparavelmente superior, do que a de poeta, mas me deram esse título de poeta, quando na realidade eu sou é jornalista. Eu fui jornalista desde rapazinho, desde estudante; então, aí me sinto muito bem, à vontade. Já fui chefe de redação de um jornal em Minas e fui redator de três outros jornais; então, a minha vocação é mesmo para o jornal. (BARBOSA, 1984, p. 29)

Se no caso de Machado a crônica foi uma espécie de laboratório da ficção romanesca, em Drummond a crônica desempenha o mesmo papel em relação à produção poética e mais ainda, permite-lhe, em relação ao cotidiano, uma reflexão que o situa no mundo em que vive para além de uma reflexão sobre o seu “estar no mundo”:

[...] a diversidade acontece em virtude dos traços que compõem a personalidade drummondiana. O “gauche” poeta de então é também o ‘gauche’cronista, que faz do cotidiano o instrumento enviezado de investigação de si próprio e de suas relações com o mundo. Paradoxalmente, será este “gauchisme” que permitirá ao homem-de-jornal, como possibilitou ao homem-de-lettras, o enriquecimento e a aquisição de certa destreza na manipulação da crônica, levando-o a se impor como especialista da matéria e a contribuir para a valorização do gênero em si. (BARBOSA, 1984, p. 29)

Em 1954, Drummond dá início àquela que pode ser considerada como a segunda fase de seu percurso de cronista, entre a primeira que transcorreu principalmente nas páginas dos jornais mineiros, sobretudo no **Minas Gerais**, em Belo Horizonte, entre 1930 e 1934, e a terceira e última que teria lugar no **Jornal do Brasil** entre 1969 e 1984.

Foi nas páginas do **Correio da Manhã**, entre 1954 e 1969 que CDA tornou-se um cronista consagrado. Publicadas sob o título geral de **Imagens** de 9 de janeiro de 1954 a 7 de janeiro de 1968, o título geral só desapareceria nesse ano, com a mudança da paginação. A partir de então a crônica passa ao Segundo Caderno.

O título **Imagens** era seguido por um complemento: *Imagens do Rio*, *Imagens de outro século*, *Imagens no Tempo*, *Imagens de um dia*, etc. Este título,

em itálico, era acompanhado por outro: *Imagens soltas*: **Ao vento**; *Imagens do Brasil*: **Tudo trocado**; *Imagens mundanas*: **Defesa de um gênero**. O corpo da crônica era impresso em itálico, dando a pensar que se tratava de uma conversa ou de um “monodialogo”. (ANDRADE, 1968)

Levando em conta alguns dos elementos relativos às crônicas machadianas que acabamos de estudar, torna-se fácil estabelecer a afiliação das crônicas drummondianas às primeiras. Afiliação, inclusive, que CDA reivindicava claramente.

Primeiramente, o título da série do **Correio da Manhã**, *Imagens*, parece diretamente inspirado pelas “Aquarelas” de Machado de Assis. As crônicas são, tanto para um como para o outro, um retrato ou uma foto do mundo que o cerca. Em seguida os sub-títulos “Pipocas” ou “Drops” que Drummond utilizava nas crônicas constituídas por flashes lembram as “Balas de Estalo”, da época de Machado.

A escolha do título geral parece portanto corresponder a um projeto bem refletido que manifesta a intenção de inscrever as **Imagens** na linhagem dos grandes do gênero como Machado de Assis ou João do Rio. A crônica afirmara-se como gênero no mesmo momento em que a foto, e sobretudo o cinema, faziam a sua aparição. O título escolhido por Drummond vem lembrar estes laços, remetendo tanto às “Aquarelas” daquele que tanto admirava e que denominou: o bruxo do Cosme Velho.

Nas crônicas do **Correio da Manhã**, pudemos encontrar diversas passagens nas quais Drummond presta homenagem ao seu ilustre predecessor, como no caso de crônicas em que transcreve excertos diretamente saídos de escritos de Machado, o que depois explica assim:

Entediado de escrever, pedi à máquina que trabalhasse por mim e fosse compondo sem intervenção mental do cronista. E eis que o espaço se encheu com reflexões e impressões de grande finura, como jamais ocorreriam a este escriba cotidiano [...] Então a máquina me confessou que era tudo furtado do caderno de um certo Joaquim Maria, morador do Cosme Velho, falecido em 1908 e grão sabedor de coisas de ontem e sempre. (ANDRADE, 1967)

Em “A um bruxo, com amor”, poema publicado no **Correio da Manhã** (ANDRADE, 1958) e retomado em **A Vida passada a limpo** (1987, p.



348), Drummond precisa num *post-scriptum* que: “P.S. Se estas linhas tiverem algum mérito, será o de se constituírem quase inteiramente de frases e expressões tiradas de livros de Machado de Assis”. (ANDRADE, 1987, p. 348)

Esta técnica utilizada com frequência, testemunha a influência de Machado que Drummond reconheceu explicitamente em diversas entrevistas:

– Você não acha que, às vezes, principalmente no início, suas crônicas têm algo das crônicas machadianas ?

– Se tinham algo de machadiano ? Tinham e acho que ainda têm muito, por mais que eu tente despistar. Fui marcado pelo bruxo, indelevelmente. Quando me dou conta, procuro disfarçar, mas às vezes até gosto de confessar a filiação. Que hei de fazer ? É o escritor brasileiro que eu mais respeito, amo e admiro. (BARBOSA, 1984, p. 421)

Machado funcionário exemplar do Ministério de Viação, Agricultura e Obras Públicas, Drummond elemento incontornável e fundamental do período Capanema no Ministério da Educação e Saúde, foram ambos marcados pela disciplina do trabalho burocrático. Como lembra Drummond no seu famoso “Auto-Retrato”:

[...] no conjunto das exterioridades significativas do seu temperamento, há a assinalar que o sr. Drummond mais uma vez se contradiz, passando de escritor a homem prático. Se aquele é abstruso e não raro esotérico, este é funcionário em comissão, muito metódico e fiel aos preceitos burocráticos que põe acima dos estéticos e dos políticos. Talvez ambicione com isso aproximar-se do inimitável diretor de secretaria que foi Machado de Assis. (ANDRADE, 1943)

Drummond, maior poeta que prosador, buscou sempre cultivar os pontos em comum com Machado, maior prosador do que poeta. Dentre estes, buscou em inúmeras entrevistas, valorizar alguns aspectos de sua psicologia, que estimava compartilhar com Machado, como por exemplo numa entrevista de 1984:

[...] lembra-se de “um velhinho muito maroto chamado Machado de Assis. Interrompe a entrevista para descrevê-lo, ressaltando as manhas do “bruxo do CosmeVelho” como quem fala de si mesmo. Mas ele ri da provocação. Diz que está falando do Machado, e não do Drummond : “ Ah ! quem dera ! Quem dera que eu fosse o velho Machado ! [...] É uma graça, o velho Machado, uma coisa estupenda ! Eu penso seguinte: a crônica brasileira tem raiz em Alencar [...]. Mas as crônicas dessa gente não tinham o espírito moderno que o Machado, ao meu ver, introduziu no jornalismo e na literatura brasileira. (ANDRADE, 1984)

Para além do gosto pela farsa, do uso comum de pseudônimos, alguns pontos em comum se destacam: primeiramente, como já o fizera Machado de Assis, Drummond escreveu crônicas em prosa e em verso, o que é suficientemente raro para deixar supor que a mescla dos gêneros literários em Drummond leva a marca de Machado. Mas é sobretudo quanto ao estilo, irônico, às vezes sarcástico, ao papel e aos limites que um e outro determinavam ao gênero, que sobressai esta influência. Tiveram em comum a mesma distância crítica em relação aos fatos e aos homens, e para eles a literatura foi um meio de construir o pensamento. São uma lição de tolerância e nos incitam a relativizarmos nossas verdades e vaidades.

Se ambos foram céticos, nunca forma cínicos. Mesmo sem ilusões, defenderam princípios morais, exprimiram-se a cada momento importante da vida brasileira de seu tempo.

Seguindo os passos de Machado de Assis, Drummond, como ele, conhecia os limites da crônica. Mas como Machado, foi através delas que exerceu um papel fundamental de formador de opinião. Certamente seu peso moral devia-se essencialmente à sua qualidade de grande poeta, mas a pena afiada do cronista passava em revista a realidade, como fizera o Bruxo do Cosme Velho em seu tempo. Foi por isso que Otto Lara Resende ao referir-se à importância de Drummond no cenário da vida brasileira, utilizou a analogia mais evidente: “Só Machado de Assis terá tido no Brasil do passado uma presença tão intensa quanto foi, nesse século, a de Carlos Drummond de Andrade”. (apud MORAES NETO, 1994, p. 60)

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. A um bruxo com amor. **A vida passada a limpo in Reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. 348.

\_\_\_\_\_. Auto retrato. **Leitura**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1943.

\_\_\_\_\_. Entrevista: fazer crônica é uma barra. **Isto é**, 16 maio 1984.

\_\_\_\_\_. Entrevista. **Status**, Rio de Janeiro, 4 jul. 1984.

\_\_\_\_\_. Imagens trocadas: de outro cronista. **Correio da Manhã**, 16 jul. 1967.

\_\_\_\_\_. Imagens machadianas: a um bruxo com amor. **Correio da Manhã**, 28 set. 1958.

\_\_\_\_\_. Monodialogo. **Correio da Manhã**, 4 out. 1968.

ATHAYDE, Tristão de. Machado Folhetinista. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 9 out. 1960.

\_\_\_\_\_. Machado cronista. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 23 out. 1960.

ASSIS, Machado de. O folhetinista [30 out. 1859]. In: \_\_\_\_\_. **Crônicas** [1859-1863]. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. v. 1, p. 33-35.

\_\_\_\_\_. Crônica [15 set. 1862]. In: \_\_\_\_\_. **Crônicas** [1859-1863]. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. v. 1, p. 313.

\_\_\_\_\_. Novidades da semana [19 jun. 1864]. In: \_\_\_\_\_. **Crônicas** [1859-1863]. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. v. 1, p. 303.

\_\_\_\_\_. História dos quinze dias [15 ago. 1876]. In: \_\_\_\_\_. **Crônicas** [1859-1863]. Rio de Janeiro: Mérito, 1962. v. 24, p. 107.

\_\_\_\_\_. Crônicas [6 dez. 1863]. In: \_\_\_\_\_. **Crônicas**, [1871-1878]. Rio de Janeiro: Mérito, 1962. v. 3, p. 249.

BARBOSA, Rita de Cássia. **O cotidiano e as máscaras**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), USP-FFLCH, São Paulo, 1984.

LIMA, Luiz Costa. **Dispersa demanda**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

MORAES NETO, Geneton, **O dossiê Drummond**. São Paulo: Globo, 1994.

SABINO, Mário. Crônica em crise. **Isto é**. 20 fev. 1991.